



ambiente em seu campo de forças. Eles vão acompanhando a narrativa que faço sobre os gestos do bebê que quer garantir o corpo da mãe bem perto protegendo a si mesmo dos próprios impulsos orientados para a minha direção. Os gestos do bebê, que segue me olhando e tocando a mãe, vez ou outra, vão definindo um corpo ambiente no seu estado de susto diante das várias orientações que movem o corpo próprio.

Resolvo me afastar mais e diminuir a força do campo, e logo percebemos como a minha ação foi assertiva. Juca começa a se tranquilizar, me olha e não me olha, pega um brinquedo e se envolve, volta para mim, descola da mãe, se distrai, me vê, sorri.

Eu me aproximo novamente e Juca retoma os gestos de tocar a mãe e fixar os olhos em mim. Agora de modo mais leve, pois pode brincar e me olhar e tocar a mãe, simultaneamente. O pai, curioso, sai da parede, ao lado da mãe, e se posiciona mais ao meu lado. Sigo me afastando e, nesse jogo de afastar e aproximar, podemos acompanhar o Juca que vai se tranquilizando e já pode “esquecer” a mãe e brincar comigo, diminuindo o conflito de forças em si. Posso até tocar o seu corpo, e ele sorri. Sons são emitidos e seus olhos passeiam por mim, mamãe, papai, brinquedos, espaço, o próprio corpo.

Os três adultos presentes podem conversar sobre os acontecimentos e Juca continua brincando, envolvendo-se com os brinquedos e a brincadeira, com as pessoas e os sons, com os ambientes e seus estados.

Pronto, o ambiente interno e externo ao Juca está seguro!

Denise De Castro